

Ações são moedas

MÁRCIO VERÍSSIMO*

Nos grandes mercados de capitais, as companhias têm sempre uma grande preocupação com o valor de suas ações por uma razão muito mais urgente que a simples satisfação do acionista minoritário — como a maior parte das ações como direito a voto é negociada no mercado, uma ação barata pode desencadear o que eles chamam de uma “aquisição hostil”: sem qualquer entendimento ou negociação entre os controladores ou administradores de duas companhias, uma companhia pode tentar adquirir a outra apenas oferecendo aos acionistas na bolsa um valor atrativo pelas ações.

Aqui no Brasil, com sua tradicional estrutura de ações ordinárias e preferenciais, os controladores não tinham essa preocupação porque eles possuíam a maioria absoluta das ações com direito a voto, mesmo com uma participação minoritária em termos econômicos. Dessa forma, o risco de uma aquisição hostil não existe no Brasil.

Assim, durante muito tempo, os controladores brasileiros não precisaram se preocupar com o valor de suas ações no mercado. Após a abertura de capital, as companhias podiam virtualmente ignorar o mercado e diminuir sua transparência.

Em alguns casos, o valor da ação caiu tanto tempos depois da abertura que o próprio controlador recomprava as ações emitidas por uma fração do preço da oferta original e os minoritários não tinham muita opção a não ser aceitar essas ofertas, sob o risco de permanecer com ações que passariam a ter praticamente nenhuma liquidez conforme os outros minoritários vendessem as suas ações. Era o processo então chamado de fechamento branco de capital.

No entanto, com a significativa recuperação do mercado de

capitais brasileiro, com sua maior valorização, liquidez e maior interesse por seus ativos, muitas companhias têm aprendido uma outra forte razão para se manterem atentas à valorização de suas ações — a utilização dessas para financiar suas atividades estratégicas, principalmente aquisições. Como companhias têm conseguido adquirir outras companhias usando suas próprias ações?

Imagine que uma companhia X emita ações, levante uma certa quantia de dinheiro e use esse dinheiro integralmente para comprar ações de uma companhia Y e cancele essas ações. A operação é muito semelhante a isso, só que sem envolver o dinheiro em si. A companhia X oferece suas ações diretamente aos acionistas da companhia Y em troca das suas ações.

O que importa nesses casos é a relação de troca: se a companhia X possui ações com valor de mercado R\$ 100 e a companhia Y de valor R\$ 10, a companhia X pode oferecer uma de suas ações para cada dez da companhia Y, ou mesmo uma ação para cada oito ou nove da companhia Y para estimular os acionistas dessa a efetivamente aceitarem a oferta.

De qualquer forma, fica bastante claro que o valor das ações, seja da companhia X ou Y, influi diretamente nos termos da negociação. Assim, as empresas têm um claro incentivo em manterem a valorização de suas ações como forma de terem um ativo de alto valor para trocar no processo de uma aquisição — bem como as companhias que vislumbram a possibilidade de serem adquiridas têm o mesmo interesse para receberem mais em troca de sua aquisição.

Com o crescimento no número de operações dessa natureza, o valor acionário deixa de ser uma referência sem importância estratégica para as

companhias e passa a ser um instrumento vital para os planos de expansão e aquisição de seus administradores.

Isso é uma boa notícia para todos os interessados no mercado de capitais. Os minoritários beneficiam-se de eventuais ganhos nessas operações e, mais importante, beneficiam-se de uma maior preocupação da administração com a valorização das ações mesmo que não haja uma operação dessas ocorrendo, apenas porque existe essa perspectiva.

Com essa função estratégica, ganha também em importância a área de relações com investidores, que passa a ser responsável por um dos pilares dos programas de expansão das companhias, contando com maiores recursos e apoio da diretoria. Vale lembrar que isso também levanta a barra de qualidade esperada do RI e tem que estar preparado para as novas responsabilidades que o aguardam.

* Consultor, especial para
Gazeta Mercantil

E-mail: mverissimo@gazetamercantil.com.br

AGENDA DO INVESTIDOR			
	Divulgação de resultados	Teleconferências	Reunião com investidores/analistas
Itaú	09/05	10/05	—
Guararapes	09/05	10/05	—
Elernit	09/05	—	12/05
CBD	10/05	12/05	—
Suzano Petr.	10/05	—	—
Ultrapar	10/05	12/05	—
CVRD	10/05	12/05	—
CCR	—	11/05	10/05
Porto Seguro	—	—	10/05
ALL	—	—	10/05
UOL	—	10/05	—
AES Eletrop.	10/05	11/05	11/05
AmBev	11/05	12/05	—
Rossi Res.	11/05	12/05	—
Unibanco	11/05	12/05	—
CSN	—	—	11/05
L. Americanas	11/05	—	—
CPFL	—	11/05	—
Acesita	11/05	—	—
Vivax	11/05	12/05	—
Eletrobrás	12/05	—	—
Petrobras	12/05	16/05	—
Perdigão	12/05	—	—
Randon	12/05	—	—
Equatorial	11/05	12/05	—
Bradespar	15/05	—	—
Copel	15/05	16/05	—
Copasa	15/05	16/05	—
TAM	—	—	15/05
OHL	—	16/05	15/05
Net	—	—	15/05

Fonte: www.divulgacaoexemplar.com.br